

A ARQUEOLOGIA DA REPRESSÃO E SUA RELAÇÃO DIRETA COM ARQUEOLOGIA PÚBLICA – O CASO DO FUTURO MEMORIAL DA FÁBRICA LANEIRA

MAYSA LUANA SILVA¹;
LOUISE PRADO ALFONSO³

¹ Universidade Federal de Pelotas – maysaluana93@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – louise_alfonso@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A finalidade deste trabalho é apresentar algumas reflexões propiciadas pela Disciplina Arqueologia Pública sobre ações que desenvolvi em um projeto de extensão da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL. Trata-se de um resultado da aproximação entre ensino, pesquisa e extensão. A reflexão aqui proposta busca identificar o potencial da arqueologia da repressão e seu caráter denunciativo, aproximando aos debates da arqueologia pública e tendo como foco a relação entre os espaços de memória que são constituídos a partir de uma demanda exigida pela sociedade (QUINALHA, 2011). Pensando de que forma podemos evidenciar novos focos de interação entre arqueologia e sociedade.

Segundo Salermo (2013) os debates dessa aproximação da disciplina com as comunidades interessadas no passado, propondo transformações no fazer arqueológico surge, sobretudo, pelas manifestações intensivas dos movimentos sociais, cobrando a descolonização dos saberes e a reformulação das ciências sociais, questionando a neutralidade da ciência. Para isso, a arqueologia pública busca o caminho inverso da arqueologia que vinha sendo realizada pelos estudos arqueológicos, que silenciavam as implicâncias políticas e sociais das pesquisas. A arqueologia pública tem como pretensão tornar público o estudo da arqueologia, juntamente a seu dever de responsabilidade social e educativo.

Atualmente é bem aceito que a arqueologia e a educação são indissociáveis. O passado é, muitas vezes, representado como um espelho dos grupos dominantes de uma determinada sociedade. Tanto a educação, quanto a arqueologia, tem interpretado o presente e do passado para forjar identidades úteis para as pessoas no poder. Porém, muitos arqueólogos e educadores têm sido promotores ativos de abordagens críticas a estas interpretações. Compreendemos que as disciplinas são capazes de valorizar as "maiorias silenciadas" que estão representadas nos registros materiais, à luz dos próprios interesses e perspectivas dos grupos excluídos. A arqueologia e a educação interagem especialmente nos museus, salas de aula e livros didáticos. (FUNARI, GONZÁLEZ, 2008)

A aproximação deste debate com o campo da arqueologia da repressão e resistência é pensar a área junto às consequências políticas de produção de conhecimento, tendo ciência que o saber dessas áreas pode oferecer novas construções que reconheçam a importância de fatos políticos e sociais que atingem a todos, como o caso da atuação da arqueologia na comissão da verdade. A arqueologia da repressão pensa os espaços, os edifícios onde aconteceram esses processos violentos e repressivos enquanto bens arqueológicos.

É a partir dessa perspectiva que são pensados os memoriais como forma de “reparação” (SOARES, QUINALHA, 2011), como modo de transformação de um local que já abrigou terror e sofrimento, funcionando como um espaço de educação para direitos humanos. Neste sentido, podemos analisar o caso da fábrica da Laneira como a possibilidade de um memorial, dentro dos pressupostos destes debates da arqueologia, a partir das narrativas dos ex-funcionários da Laneira. O viés da arqueologia pública me ajuda a refletir sobre como seus debates podem favorecer a valorização desses espaços memoriais, como espaços que podem apresentar os problemas do ambiente fabril que muitas vezes são e foram apagados na cidade de Pelotas. Tendo a arqueologia da repressão como área de interesse por se configurar em um campo que pretende desafiar essas práticas repressivas (SOARES, 2014).

2. METODOLOGIA

O projeto de Implantação do Museu de Antropologia e Arqueologia MUARAN foi estabelecido para ter como espaço físico a antiga fábrica da Laneira, situada no bairro Fragata, onde será a Casa dos Museus da Universidade Federal de Pelotas. A indústria Laneira Brasileira Sociedade Anônima, instalada no bairro Fragata, iniciou suas atividades na década de 1940 e fechou no final dos anos de 1990. Em 2010, a Universidade Federal de Pelotas adquiriu as instalações onde funcionou a indústria de lãs e os seus depósitos. Na época ainda foi possível preservar alguns objetos e documentos que estavam no interior dos edifícios, o que possibilitou a recuperação de parte da história funcional da indústria. Como objetivo de realizar uma reflexão colaborativa sobre a história da Laneira, a equipe do MUARAN, em 2015, realizou essas visitas para entender as dinâmicas da fábrica, envolvendo cotidiano, trabalho e memória.

Por meio do Projeto de extensão de Implantação do Museu de Antropologia e Arqueologia da UFPEL, foram realizadas três visitas à fábrica Laneira, guiadas pelo professor Pedro Sanches (coordenador do projeto) junto aos antigos operários e operárias que trabalhavam no local e bolsistas e colaboradores do projeto. Nestes encontros, foram feitos vídeos e entrevistas nos quais os interlocutores nos contavam como se dava todo procedimento de funcionamento da fábrica, passando pelos setores, eles explicavam como funcionavam as máquinas, dialogando sobre de que forma eles lidavam com os desafios e conflitos do trabalho.



(Foto: Elison Bitencourt – Fábrica Laneira).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto da Casa dos Museus encontra-se em fase de implantação, desenvolvido a partir de ações de pesquisa e extensão. O espaço físico da Laneira abrigará diferentes museus da UFPEL, envolvendo pesquisa, entretenimento e cultura. Mas, para garantir a originalidade da fábrica, foi-se pensando em manter aspectos arquitetônicos que são originários, até mesmo para propiciar a “sobrevivência da memória dos grupos” (CANDUE, 2009) seria necessário manter a estética antiga quando se pensa museus em prédios históricos para propiciar a permeabilidade do espaço visual. Esta preocupação com a originalidade do espaço mesmo em prédios não tombados é característica de outros espaços que foram implantados memoriais, como o caso do Memorial da Resistência de São Paulo, antigo DOPS.

Dentre os principais temas que os antigos operários e operárias trouxeram para a equipe no MUARAN estão: Máquinas e o potencial de ferimento, doenças referentes às más condições de trabalho, a importância da Laneira para a economia da cidade de Pelotas, os processos judiciais trabalhistas, greves e atuação sindical, aspectos do funcionamento da fábrica. Abaixo, segue uma das falas de um dos interlocutores:

Tinha uma máquina aqui que pisava o pessoal, a maioria se machucava. Aqui chegava a pipocar, arrancava braço, dedo. Ai veio até o MPS aqui uma vez e abriu a máquina. Era uma velocidade enorme. Uma vez, o cara meteu a mão ali, 6 horas da manhã, ele tinha que entregar pra mim a máquina, cheguei aqui o cara tava sem o braço, caído, ossos. (EX-OPERÁRIO)

A fala deste ex-funcionário da Laneira nos mostra a importância e a necessidade do acervo “tocar nas feridas”, e nos lembrar que a memória também pode ser utilizada como resistência de lutas de trabalhadores e trabalhadoras da cidade de Pelotas. Em muitos momentos, surgiram relatos sobre as greves, sobre mulheres grávidas que sentavam em frente à fábrica para evitar que esta abrisse, dentre outras histórias que ressaltavam fatos de resistência da classe operária. Dessa forma, poderíamos também questionar também o quanto os museus de Pelotas encontram-se distantes até mesmo das formas de aplicação, ao se omitir, não apresentando memórias de luta da cidade.

Houveram narrativas sobre casos de denúncia quanto às condições de trabalho. Dentre os relatos, alguns interlocutores comentavam o fato de muitos ex-operários e ex-operárias não se sentirem a vontade a participar da visita a fábrica, devido às sequelas físicas que alguns ainda mantinham em seus corpos, enfatizando os casos de pessoas que possuíam agulhas entre o corpo até hoje. Ou, pessoas que possuem processos judiciais trabalhistas, de direitos que não foram concedidos. Por outro lado, muitos se sentiam confortáveis, falavam sobre se sentirem contemplados positivamente na história da fábrica. Dessa forma então, foi ponderada a ambiguidade das relações com a memória, a qual comprovava a não homogeneização dessas representações memórias para a futura inserção do memorial na fábrica.

Através da disciplina de arqueologia pública, busquei então relacionar de que forma os pressupostos de atuação da arqueologia da repressão e arqueologia pública se relacionavam e dialogavam em suas respectivas atuações no âmbito dos museus e memoriais.

O contexto da cidade de Pelotas está profundamente enraizado na era industrial. Estes casos de repressão aos operários e operárias não se deram apenas na Laneira, existem muitos relatos e documentos que evidenciam ataques aos direitos trabalhistas em Pelotas. O mesmo se deu na Estação Férrea, que também há relatos de denúncias e invisibilidade dos processos sobre ameaças às condições de trabalho. As memórias dos ferroviários e operários de Pelotas constituem-se em memórias de lutas e resistências que não foram reconhecidas pelo Estado. Nesse sentido o memorial poderia funcionar também como ferramenta jurídica e ação educativa, o que é fundamental para o que queremos alcançar através do campo de trabalho da arqueologia pública.

4. CONCLUSÕES

O buscar refletir sobre os aparelhos repressivos e mecanismos de poder, é expandir as ferramentas para 'o fazer' arqueológico. A arqueologia pública como debate que abarca diferentes temas e questões éticas e de descolonização da arqueologia é mais uma revisão da arqueologia e de sua atuação, do que propriamente como uma área de estudos fechada a determinados assuntos. A questão da memória, do patrimônio e da resistência que este debate abrange relaciona-se com as reflexões que o trabalho junto aos ex-operários e ex-operárias da Laneira nos possibilitaram. Somando-se às discussões sobre a responsabilidade social que circulam na atualidade tem todas as áreas de atuação dos arqueólogos e arqueólogas.

A arqueologia da resistência nos possibilita refletir sobre como as classes dominantes querem que nós esqueçamos essa história de luta operária e da opressão que marcou as relações de trabalho. O lema continua sendo "Lembrar é resistir". Nesse sentido, a importância de se pensar o caso da fábrica Laneira a partir de sua materialidade, para que esta seja visualizada a partir da significação que estas pessoas que lá trabalharam dão a esse espaço. Por isso a relevância do viés de trabalho da arqueologia pública junto ao trabalho antropológico, atualizado e comprometido com problemáticas sociais que permeiam a constituição destes espaços que podem ser compreendidos como patrimônios arqueológicos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDAU, Joel. Memória e Identidade. Tradução: Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

CANDAU, Joel. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade. Pelotas: Revista Memória em Rede. 2009.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; Érika M. ROBRAHN-GONZÁLEZ. Ethics, Capitalism and Public Archaeology in Brazil. *História*, v.27, n.2, p.13-30, 2008.

QUINALHA, I. Lugares de memória: bens culturais? In: Olhar Multidisciplinar sobre a efetividade da proteção do Patrimônio Cultural. Belo Horizonte: Forum, PP. 509-532, 2011.

SALERNO, Virginia. Arqueología Pública: Reflexiones sobre um Objeto de Estudio (con comentarios de Daniella Jofré, Lúcio Menezes Ferreira y Henry Tantaleán). *Revista Chilena de Antropología*, (27): 7-38, 2013.

SOARES, Virginia. Novas Perspectivas Para A Arqueologia Da Repressão E Da Resistência No Brasil Depois Da Comissão Nacional Da Verdade. *Revista de Arqueologia Pública*, No. 10, pp. 177-194, Dezembro de 2014.